

## O TRABALHO COM O TEXTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, SOB O OLHAR DA LINGÜÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

TOLDO, Claudia<sup>1</sup>

Universidade de Passo Fundo (UPF) – RS

claudiast@upf.br

**Resumo:** O propósito deste trabalho é propor uma abordagem enunciativa (cf Benveniste 1988, 1989) de análise linguística do texto, com vistas ao trabalho de análise de textos em aulas de Língua Portuguesa. Queremos oferecer aos professores dessa disciplina, principalmente aos da educação básica, uma reflexão enunciativa de análise textual, considerando que há, normalmente, estudos que, a partir do referencial da linguística enunciativa, dedicam-se a analisar as marcas da enunciação no enunciado em textos de diferentes naturezas (publicitários, jornalísticos, etc.), sem desenvolver propriamente uma proposta metodológica de análise do texto. Este trabalho, portanto, atende a uma necessidade de deslocar o referencial enunciativo para o estudo do texto no âmbito escolar. Na verdade, é uma tentativa de explicitar como a perspectiva enunciativa de análise da linguagem pode proporcionar um entendimento da linguagem que se articula a uma prática de análise linguística menos distanciada da realidade dos falantes. Este trabalho tem como pano de fundo uma significativa necessidade de entender melhor como explicar e descrever o uso e a organização da língua em dada situação discursiva e como fazê-lo em circunstâncias de ensino de língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguística da enunciação, análise de texto, construção do sentido, ensino de língua materna.

### 1 Introdução

Estas reflexões são parte de um projeto que estamos desenvolvendo e que se insere na linha teórica relativa aos estudos da linguagem, numa perspectiva enunciativa. O objetivo principal é fazer um recorte nos estudos da enunciação, para estudar e aprofundar o entendimento de conceitos propostos na teoria enunciativa de Émile Benveniste. Esse objetivo tem como pano de fundo uma significativa necessidade de entender melhor como explicar e descrever o uso e a organização da língua em dada situação discursiva e como fazê-lo em circunstâncias de ensino de língua portuguesa.

Cabe adiantar que a expressão “uso e organização da língua em dada situação discursiva” tem sentido específico, neste trabalho, e poderia ser adequadamente parafraseada pela palavra “texto”, uma vez que a nossa compreensão do texto se coaduna com a ideia do uso linguístico em uma dada instância de discurso que, segundo entendemos, está de acordo com a teoria enunciativa de Benveniste.

Em outras palavras: mesmo que Benveniste não reflita sobre a noção de texto ao longo de seus *Problemas de lingüística geral* – ao menos não como isso é feito nos parâmetros atuais da linguística – acreditamos que é possível inferir de seus trabalhos uma noção

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa e Linguística Aplicada junto ao Curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras – da Universidade de Passo Fundo/RS.

sintonizada com essa ideia de *uso e organização em dada situação*. Com isso, queremos dizer que o fato de o autor não identificar uma noção com um termo técnico – “texto”, neste caso – não implica a inexistência da noção, mesmo que sob outra designação.

A título de exemplo do que estamos dizendo, observemos o que diz o *Dicionário de lingüística da enunciação* (DLE) acerca do termo “enunciado”, em Benveniste:

manifestação da enunciação, produzida cada vez que se fala. Na medida em que a enunciação é processo, o enunciado pode ser considerado o produto da enunciação e inclui pessoa, tempo e espaço. O enunciado tem existência em um determinado momento em que a língua é mobilizada por um locutor. (DLE, p. 107).

Ora, o que estamos denominando de “texto” na teoria *benvenistiana* certamente receberia abrigo na definição de “enunciado” tal como o *Dicionário* a apresenta acima.

Isso posto, a seguir, buscamos apresentar também, inspirados na teoria enunciativa de Émile Benveniste, uma noção de língua/linguagem que possa subsidiar o trabalho com o texto no ensino de língua materna nas escolas de educação básica. A partir disso, pensamos poder responder às seguintes questões:

a) O que é pensar o ensino de língua materna a partir de uma concepção enunciativa de língua/linguagem?

b) O que significa pensar o trabalho de texto em sala aula a partir de uma concepção enunciativa de língua?

Para tanto, primeiramente, trazemos à tona, como forma de justificar a pertinência do que adiante será proposto, algumas constatações do que se tem visto (pela nossa prática docente na educação básica e superior) nas escolas no que diz respeito ao ensino de língua portuguesa. Em seguida, pontuamos alguns elementos do texto de Émile Benveniste – O aparelho formal da enunciação (1970), a fim de trazê-los à arena de discussão do tema que ora se coloca.

Em seguida, estabeleceremos uma relação que nos parece possível e (talvez) necessária, com base na pergunta que nos dá o título deste trabalho, entre ensino de texto na escola e conceitos enunciativos tomados do estudo de Benveniste em *Problemas de Linguística Geral II* (1989).

Nosso intuito, enfim, é provocar uma reflexão e daí uma discussão sobre a colaboração que os estudos enunciativos, principalmente os aqui destacados, podem trazer às reflexões sobre ensino de língua, enquanto condição, como diz Benveniste, de um homem tornar-se sujeito pelo seu dizer.

## **2 O ensino de língua portuguesa na escola**

Salientamos, inicialmente, que as práticas que vêm sendo desenvolvidas, na maioria das aulas de língua portuguesa das escolas de educação básica, ainda não demonstram um cuidado com o trabalho de texto no que diz respeito ao ensino de ler e escrever. Observamos que o estudo da língua continua desvinculado da vida do homem e da vida em sociedade. Como dizem os Parâmetros Curriculares da Língua Portuguesa (a partir de agora PCNs) 1997, p. 36), “as pessoas aprendem a [ ] ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura”. Percebemos que o trabalho de texto que tem sido feito em muitas salas de aula, muitas vezes, nem ensina língua portuguesa, nem melhora a vida daqueles estudantes. Dentre tantos aspectos que poderíamos destacar, recortamos, para este momento,

o trabalho com o texto nas aulas de língua portuguesa – este que deve(ria) ser a unidade básica de ensino da língua, conforme dizem os PCNS.

Para nós, não há dúvida de que a ineficiência da escola e o mau desempenho dos alunos estão intimamente relacionados ao trabalho desenvolvido no interior da sala de aula. Os alunos, durante praticamente uma década, estudam definições, verbalizam regras, fazem classificações, fixam estruturas afastadas da língua em uso, ou seja, desenvolvem atividades *sobre* a língua. Priorizam o *código*, a forma, como se a língua fosse autônoma, imutável e exterior ao falante. Fundamentados nos padrões rígidos da gramática tradicional, muitos professores se sustentam apenas nos paradigmas da modalidade escrita, defendendo que a aprendizagem se dá por meio de exercícios – e o que é mais grave, exercícios artificiais e distantes de situações comunicativas. Não é através de atividades de catalogação de entidades, de classificação de palavras e de reconhecimento de suas funções na frase que o aluno será capaz de usar a língua de forma eficiente e crítica nas diversas situações de uso – na escola e fora dela.

A função do professor de língua portuguesa vai muito além de um simples *dar conteúdos gramaticais*. Partimos do princípio de que nossos alunos, tendo como suporte as aulas de língua portuguesa, devem ser capazes de melhorar seu desempenho linguístico, ou seja, desenvolver sua competência comunicativa. Desse modo, não há como tratar do ensino de língua materna sem fazer menção à língua como processo de interação verbal. Para que esse processo se realize, concorrem vários fatores, tais como a situação comunicativa e a própria organização e estrutura do discurso. Isso significa que os aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos não podem ser analisados de forma autônoma. Em relação a esse aspecto, vale a pena ressaltar que não se justifica, por exemplo, o professor trabalhar a morfossintaxe em frases isoladas (frases *ideais*, distantes do uso e da realidade linguística). Não há como analisar qualquer fato da língua sem considerar seu funcionamento.

Cabe lembrarmos que é através da língua que construímos a cultura, construímos mundos, criamos e (re)criamos realidades e tornamos nossas posições conhecidas. Assim, a língua tem de estar à disposição do homem, a serviço do homem. E é a linguagem em uso, ou seja, o discurso, que possibilita conhecermos o homem que vive e atua em sociedade. Daí porque defendermos que o ensino de língua portuguesa deva ultrapassar o nível da palavra e da frase e ter no texto o eixo principal do trabalho escolar. Nesse sentido, as ações desenvolvidas na escola devem priorizar atividades de uso da língua: atividades de produção oral, produção escrita, leitura e compreensão oral e escrita. Afinal, a escola não pode estar afastada da vida. Na vida, usamos textos o tempo todo – para expressar o que queremos, o que sentimos. É através de textos que argumentamos, duvidamos, nos rebelamos, manifestamos nosso apreço, nosso desdém.

Embora saibamos que concepções linguísticas atuais circulem entre os professores de língua portuguesa e embora reconheçamos que tem aumentado o número de professores desejosos de mudanças nesse ensino, ainda assim o trabalho com a gramática continua se dando da forma mais tradicional, com práticas que desestimulam as relações entre o falante e a língua. Permanece, ainda, arraigada a ideia de que o domínio de determinadas estruturas ditadas pela gramática garantirá o *uso correto* da língua. Por conta disso, os professores supõem que o aluno será capaz de transferir automaticamente os conhecimentos obtidos *sobre* a língua para o seu uso efetivo e esquecem (ou não sabem) que a melhoria da competência comunicativa só se dará ao contemplarmos a língua em uso.

Vemos uma realidade que revela não a presença de um sujeito – autor que passa pela experiência de constituir-se como locutor –, mas um aluno que joga o jogo da linguagem à maneira de quem meramente cobra as próprias “faltas”, denunciadas pelo “cartão amarelo”, sempre a postos, do juiz-professor. De “falta em falta” e de “cobrança em cobrança”, sobra-lhe pouco para as “grandes jogadas”. Isso quando não for expulso, prematuramente, antes do

processo de aprender a escrever textos. Com a atenção nas técnicas, nas regras, nas normas dos pequenos lances, como atuar no campo da linguagem e jogar um grande jogo?

Esse diagnóstico da realidade na escola aponta para a falta de uma outra concepção de língua/linguagem e a constatação de uma carência teórica dos educadores acerca dos estudos linguísticos. O trabalho realizado no ensino de língua portuguesa não tem levado em conta que o uso da língua revela – no/pelo texto – aquele que a usa. Logo, estão implicados nesse processo conceitos como língua, sujeito e enunciação.

A seguir, apresentamos considerações que julgamos pertinentes para o trabalho com o texto numa aula de língua portuguesa, tomando por base o estudo de 1970 de Émile Benveniste.

### 3 Um Aparelho para o trabalho com o texto na aula de português

Benveniste, em 1970, faz considerações importantes acerca do emprego da língua. Ele desenvolve essas questões no texto “Aparelho formal da enunciação” (PLG II, 1989), trazendo presente questões necessárias para a descrição e a interpretação das formas no emprego da língua em suas mais variadas manifestações.

Recortamos esse estudo de Benveniste por dois motivos:

- a) de um lado, porque o “O Aparelho”, sendo o último texto referente aos estudos da enunciação publicado por Benveniste e tendo ele uma densidade teórica ímpar, apresenta-se como um programa de pesquisa que, ao mesmo tempo em que sintetiza mais de 30 anos de trabalho do autor, sinaliza para uma série de estudos futuros que ainda hoje não estão devidamente desenvolvidos. Em outras palavras: “O Aparelho” ocupa epistemologicamente a posição de ser simultaneamente uma reflexão síntese e um programa de pesquisas. É essa posição singular de “O aparelho” relativamente ao conjunto da obra de Benveniste que faz com que também Aya Ono (2007), em seu *La notion de l'énonciation chez Émile Benveniste*, considere-o como um *primus inter pares*;
- b) por outro lado, acreditarmos que nele encontramos conceitos que podem nos auxiliar a elaborar princípios que sustentem uma descrição do funcionamento do texto em situação de ensino da língua portuguesa, nas aulas de língua materna. Tomamos como ponto de partida a ideia de que um texto é concebido pelo ato de um locutor, que ali [no texto] constitui-se como tal e impõe diante de si um outro [o alocutário] e, que ao se apropriar de recursos linguísticos disponíveis na língua, instala uma situação discursiva em que sentidos são construídos. Nessa perspectiva, consideramos que Benveniste, neste estudo de 1970, traz reflexões que podem nos auxiliar a descrever esses aspectos: o ato do locutor, os recursos linguísticos (instrumentos) usados nesse ato e a situação discursiva construída. Consideramos que é o colocar em movimento esses elementos, que um *eu* põe diante de si um *tu*, que num *aqui* e num *agora* se expressam no texto que lemos.

Neste momento, sublinhamos essas considerações sobre Benveniste a fim de propor, a partir das considerações que faremos nesta seção e as feitas na anterior, uma reflexão sobre o trabalho com o texto no ensino de língua materna. Isso será feito à luz dos elementos trabalhados em 1970 por Benveniste, tomando como ponto de partida a ideia de enunciação.

Segundo Benveniste (1989, p. 82), “enunciação é colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Este conceito de enunciação nos traz o fato de o locutor mobilizar a língua por sua própria conta, trazendo aspectos importantes para a determinação dos caracteres linguísticos da enunciação. Precisamos ver nesse processo a) a realização vocal da língua; b) os mecanismos desta produção, ou seja, a conversão da língua em discurso,

observando como o sentido se traduz em palavras e c) o quadro formal da realização da enunciação. Vamos nos deter neste último: o quadro formal da enunciação, por percebermos que os aspectos trazidos neste texto podem nos ajudar a determinar critérios para descrever a língua em uso empregada em textos escritos, trabalhados em sala de aula. Para Benveniste, esse quadro formal evidencia três elementos: o *ato* de enunciação, a *situação* em que a enunciação se realiza e os *instrumentos* de sua realização.

Quanto ao *ato*, podemos dizer que é através dele que o locutor passa a ser elemento indispensável à enunciação, pois é ele [o locutor] quem realiza o ato individual de utilização da língua. Antes disso, “a língua não é senão possibilidade da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 83). Quando o locutor se apropria da língua e se enuncia, concretiza esse *ato* de enunciação e a língua é efetuada em uma instância de discurso, instaurando o locutor (que produz o ato da enunciação) e o alocutário (que produzirá outra enunciação). Essa apropriação da língua pelo locutor instaura o *tu*, refere pelo discurso e faz do locutor um co-locutor. Isso traz um segundo elemento do quadro formal de enunciação: a *situação*. Benveniste (1989), quando fala de situação, traz presente o conceito de referência. Ele diz:

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (p. 83).

Portanto, o conceito de referência deve ser examinado, uma vez que é através da referência que se pode perceber do que o texto trata, assim como traz subsídios para que se observe a organização – pelos instrumentos – do texto.

A *situação* de enunciação vai se manifestar por um “jogo de formas específicas”. São elas: a) índices de pessoa (*eu/tu*); b) índices de ostensão (função dêitica da língua) e c) índices de tempo. A forma axial, ou seja, o eixo orientador da *situação* de enunciação é o presente que coincide com o momento da enunciação. É dele que nasce a categoria de tempo. É na *situação* que temos o *eu* que se enuncia a um *tu*, num dado *tempo* e num dado *lugar*. Essas são as formas específicas da enunciação que, num jogo muito particular e singular, propiciam a enunciação que se renova a cada produção do discurso.

O terceiro elemento que compõe o quadro formal da enunciação são os *instrumentos*. Benveniste afirma que a enunciação – enquanto uma realização individual – é antes de tudo um processo de apropriação. Isso significa afirmar que “O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (p. 84). Isso é o que julgamos pertinente e necessário de se ver: a apresentação dos índices específicos e os procedimentos acessórios. Benveniste lista os específicos, os quais têm como função “colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação”. (p. 84). E os acessórios? Esses são construídos a cada enunciação e devem ser analisados a partir dessas situações específicas. Esses são um aparelho de funções, ou seja, são todos os elementos disponíveis na língua de que se serve o locutor para dizer algo a seu alocutário. Interrogações, ordens, apelos, chamamentos, asserções, negativas são alguns dos modos que o locutor usa para “intimar” seu alocutário, estabelecendo dessa maneira uma relação discursiva com seu parceiro. Podemos pensar os *instrumentos* como todos os recursos linguísticos que estão à disposição na língua,

para a relação interlocutiva entre um *eu* e um *tu* e para a realização de um *ato* de enunciação, numa dada *situação* de tempo e espaço. Esse movimento gerado de um *eu* (fonte do dizer) para um *tu* (fim do dizer) caracteriza o quadro figurativo da enunciação. Temos aqui a estrutura do *diálogo*<sup>2</sup> dado pela enunciação.

Acreditamos que essas questões trazem uma possível descrição do emprego da língua que, a serviço do homem, possibilita que ele se marque como sujeito em seus dizeres. São essas marcas que podem ser “lidas” na escola, principalmente nas aulas de língua portuguesa, e discutidas, para que se perceba que caminho textual/discursivo o locutor fez, quando colocou a língua em funcionamento. Para nós, isso significa dizer que ensinar língua portuguesa na escola, em especial trabalhar o texto, é mostrar aos alunos como o sentido se constrói em cada sintagma organizado, ou seja, é mostrar como o nível semiótico (formas da língua) possibilita a arquitetura do nível semântico de um texto. Se ao produzir um texto, o locutor realiza um ato, o que precisamos ver/ler no texto, para construir e explicar o sentido deste texto em dada situação enunciativa?

A partir dessas reflexões de Benveniste, colocadas no referido texto em estudo, queremos refletir como esses elementos que compõem o quadro formal da enunciação podem fazer parte das aulas de língua portuguesa na escola, quando se quer tratar de texto e de sua construção de sentidos.

#### 4 Uma proposta de análise

Esta seção destina-se a registrar um esboço de análise de um texto, numa perspectiva enunciativa, conforme Émile Benveniste, mais particularmente segundo conceitos explorados na segunda seção deste trabalho que põem em evidência o estudo de 1970 desse linguista da enunciação. Essa possibilidade de análise se dará em três momentos: na primeira trazemos os aspectos metodológicos que organizam a leitura que fazemos do texto em questão; na segunda apresentamos o texto a ser analisado e sua situação de enunciação; e na terceira, uma possibilidade de análise.

Registramos que, ao construir o sentido de um texto, fazemos isso naturalmente e consideramos, conjuntamente, todos os elementos que concorrem para esse sentido. Porém, aqui, organizaremos essa atividade separadamente, para que metodologicamente possamos mostrar como isso pode ser feito pelo analista de texto, sob determinado amparo teórico, e por que não pensar no professor de língua portuguesa, que nas salas de aula das escolas de educação básica, desenvolve a competência textual/discursiva de seus alunos por meio do trabalho de análise de texto.

##### 4.1 Aspectos metodológicos

Tomando como ponto de partida as considerações feitas na primeira seção desta reflexão, em que abordamos a face do ensino de língua portuguesa em boa parte das escolas de educação básica e as questões teóricas trazidas acerca do texto de 1970 de Émile Benveniste, apresentamos um esboço<sup>3</sup> de análise textual. Queremos sublinhar com isso o(s)

---

<sup>2</sup> Questões relativas aos limites do diálogo, pontuados por Benveniste neste texto de 1970 não trataremos neste trabalho.

<sup>3</sup> Destacamos que não temos a pretensão de fornecer um método de análise que possa ser aplicado em análises diversas. O que queremos é apontar elementos que devem ser considerados numa análise textual, se tomarmos – como é o caso – por base o *ato*, a *situação* e os *instrumentos* envolvidos na organização do texto, na medida em que se colocou a língua em funcionamento.

sentido(s) construído(s) pela organização dos “instrumentos” – segundo Benveniste – ou seja, recursos linguísticos de que o autor lançou mão para escrever seu texto.

Dividiremos nosso esboço de análise em três momentos, ou seja, faremos considerações acerca dos três elementos que Benveniste resalta por constituírem o quadro formal da enunciação: a) o *ato* de enunciação; b) a *situação* em que a enunciação se realiza e c) *os instrumentos* utilizados no uso da língua no texto em questão, ou melhor, na realização da enunciação no texto que ora nos propomos a analisar.

Antes de passarmos para a análise propriamente dita, destacamos que entendemos *ato* como a ação do locutor em “colocar a língua em funcionamento”. Isso acontece sempre em dada situação de discurso, que, conforme o Dicionário de Lingüística da Enunciação (2009, p. 218), é a “circunstância irrepitível de apropriação da língua que instaura a interlocução e a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da enunciação”. Isso se evidencia por meio dos *instrumentos* usados pelo locutor para produzir sua enunciação.

Essas considerações servem para amparar qualquer análise, mas a partir de agora queremos mostrar como isso se dá, particularmente, no texto que a seguir apresentamos.

#### 4.2 Apresentação do texto em análise

O texto que trazemos é de Luis Fernando Veríssimo, publicado no Jornal Zero Hora de 3 de Julho de 2010. Esse texto foi escrito para ser publicado no dia seguinte. O dia seguinte ao jogo de Brasil e Holanda, realizado em Port Elizabeth, cidade sul-africana, em 2 de julho de 2010. Este jogo, que aos olhos da maioria dos brasileiros, inclusive da seleção brasileira de futebol, e deste cronista – ao menos num primeiro momento – seria apenas mais um para se chegar à grande final da Copa do Mundo de 2010. Decepção. O Brasil perdeu.

Em seguida, apresentamos o texto.

Precisava o segundo tempo?	
	<i>Luis Fernando Veríssimo</i> ZH, 3 de julho de 2010.
1	Velho truque jornalístico. Para ganhar tempo, escrever duas crônicas antes do
2	jogo: por que ganhamos e por que perdemos.
3	Quando os dois times saíram para o intervalo ontem, comecei a redigir
4	mentalmente a minha “por que ganhamos”. Ia começar inventando um incidente nos
5	bastidores, Robben chegando no vestiário holandês reclamando da marcação do Michel
6	Bastos, que não o largava um minuto – e o Michel Bastos chegando atrás dele.
7	Eu não tinha a menor dúvida de que venceríamos o jogo. Infelizmente, depois do
8	intervalo houve o segundo tempo, que destruiu as pretensões do Brasil e a minha
9	crônica. Uma das coisas que mudaram no segundo tempo foi que o Michel Bastos,
10	constrangido por um cartão amarelo, teve de descolar do melhor jogador holandês para
11	não ser expulso. Outra foi que não apareceu ninguém para ajudá-lo a conter o lado
12	direito do ataque holandês, por onde os laranjas chegavam com mais perigo.
13	Felipe Melo, a aposta do Dunga que menos deu certo, não só fez o gol de empate
14	da Holanda como faltou constantemente ao trabalho, que era ajudar o Michel Bastos
15	naquele lado. E ainda foi expulso e deixou seu time com 10. Quer dizer, nem o Felipe
16	Melo nem nós precisávamos desse segundo tempo.
17	Um dos paradoxos do futebol moderno é que, quanto mais o conjunto supera o
18	indivíduo, mais ele depende da jogada individual. Com defesas compactas marcando em
19	cima e rebatendo tudo, cresce a importância do driblador, do cara que vai para cima do

20	adversário e abre defesas com seu atrevimento e brilho pessoal.
21	Nesta Seleção, se esperava isso do Robinho, que jogou bem, fez gols e passes
22	para gols, mas raras vezes foi o indivíduo diferente de que o conjunto precisava. Quase
23	sempre suas tentativas de ser o Robinho conhecido, o que ia para cima, falharam.
24	Contei. Só três dos 23 jogadores da nossa Seleção jogam no Brasil, contra nove
25	da seleção holandesa que jogam na Holanda. Era de se esperar que o Brasil levasse
26	vantagem naquelas coisas que uma experiência internacional ensinaria, como manter a
27	cabeça fria nas grandes decisões. Não foi o que se viu ontem. O Brasil não teve onde
28	buscar nem a calma nem a sabedoria para mudar o resultado. Perdeu provincianamente.

### 4.3 A análise do texto sob o olhar da enunciação

Iniciamos esta seção, tomando as palavras de Normand (2009, p. 182) que afirma:

A análise do semântico (análise desta ou daquela unidade de discurso) associa uma análise semiótica do enunciado a um comentário sobre a situação cada vez particular da enunciação (tal sujeito, tal tempo, tal referente, tal interação cujas marcas fazem parte da descrição semiótica); assim como todo comentário de texto, essa análise interpreta os enunciados, mas não pretende dizer tudo sobre seu sentido.

Esse esboço de análise procura mostrar um sentido possível de ser construído no texto de Veríssimo, com base na descrição do particular, “da diversidade do que a língua permite a serviço de sujeitos vivos e falantes na interação subjetiva” (NORMAND, 2009, p. 182). Passamos, então, ao tratamento dos três elementos que Benveniste ressalta por constituírem o quadro formal da enunciação: *ato*, *situação*, *instrumentos*.

Quanto ao *ato*, podemos destacar que o autor do texto “Precisava o segundo tempo? se apropria da língua e enuncia-se, instaurando o tu/leitor do jornal Zero Hora. Quando Luis Fernando Veríssimo se apropria da língua e se enuncia, concretiza esse *ato* de enunciação. Nesse momento, a língua se realiza e se atualiza em uma instância de discurso, instaurando o locutor (que produz o ato da enunciação) e o alocutário/leitor (que produzirá outra enunciação). Essa realização e essa atualização são sempre novas e únicas, na medida em que uma enunciação é sempre singular, irrepitível. Luis Fernando pode até apropriar-se da língua novamente e escrever outro texto como esse, mas jamais teremos uma mesma enunciação e jamais ele será o mesmo. É essa apropriação da língua pelo locutor que instaura o *tu* e constrói a referência pelo discurso. Assim se coloca o locutor e se intima um co-locutor que juntos trazem outro elemento do quadro: a *situação*.

Esse segundo elemento – *situação* de enunciação – vai se manifestar por um “jogo de formas específicas”. Essas formas são, primeiramente, os índices de pessoa (*eu/tu*). No texto em análise, percebemos o índice de pessoa em construções como “... comecei a redigir mentalmente a minha...” (linhas 3, 4), “Eu não tinha a menor dúvida...” (linha 7), “destruíu [...] a minha crônica” (linhas 8, 9), “nem nós precisávamos desse segundo tempo,” (linha 16), “Contei.”(linha 24). Nesses trechos, percebemos um *eu* comentando e por isso se enunciando a respeito do que tratava: a redação da crônica, a certeza da vitória, a destruição do tema da crônica, a (des)necessidade do segundo tempo do jogo e a verificação de quantos jogadores atuavam no Brasil e quantos no exterior. Na medida em que o locutor diz o que disse, automaticamente intima um *tu* a acompanhar esse raciocínio de tentar entender – como ele (o



*eu*) – a realidade que se viveu: a derrota do Brasil para a Holanda. Como diz Malinowski, em artigo<sup>4</sup> publicado em 1923,

Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão, mas como modo de ação.

Considerando que o locutor do texto chama o leitor para dividir com ele o sentimento – no caso do texto de Veríssimo – da tristeza pela derrota, percebemos assim a construção da categoria de pessoa. O descontentamento, a frustração, a decepção são notórios em trechos como os que seguem: “o Michel Bastos, constrangido por um cartão amarelo, teve de descolar do melhor jogador holandês para não ser expulso.” (linhas 9, 10, 11), “... não apareceu ninguém para ajudá-lo a conter o lado direito do ataque holandês...” (linhas 11, 12), “... os laranjas chegavam com mais perigo.” (linha 12), “Felipe Melo, a aposta do Dunga que menos deu certo, não só fez o gol de empate da Holanda como faltou constantemente ao trabalho..” (linhas 13, 14) e ainda: “... foi expulso e deixou seu time com 10.” (linha 15). O uso do léxico “descolar”, “laranjas” e “faltou ao trabalho” mostram o sentimento do locutor, mas, sobretudo, comprovam que o sentido do signo se preenche e se dá em suas relações. Na expressão “faltar ao trabalho”, por exemplo, evidencia um locutor decepcionado que critica o jogador e que julga a ação daquele atleta que não podia errar, não naquela hora.

O texto de Luis Fernando Veríssimo elabora um sentido que revela a mudança, no locutor, de um estado de espírito para outro. Mostra, num primeiro momento, um locutor que, ao colocar a língua em funcionamento, revela-se esperançoso e certo da vitória da seleção que joga o primeiro tempo de uma maneira, e, num segundo momento, a frustração da derrota no segundo tempo. Percebe-se essa passagem de mudança de estado do locutor em “Eu não tinha a menor dúvida de que venceríamos o jogo. Infelizmente, depois do intervalo houve o segundo tempo, que destruiu as pretensões do Brasil e a minha crônica.” (linhas 7, 8, 9). O emprego desse “infelizmente” traz um sentido que recai para os dois fatos: a existência do segundo tempo e, por isso, a destruição da crônica imaginada para a vitória.

Temos um *eu* que cobra de seu *tu* a participação de sua decepção. A cada vez que isso ocorre, esse *eu* e esse *tu* são novos, são “engendrados de novo”, pois a cada enunciação eles designam algo novo. Podemos perceber que a tristeza do locutor na primeira vez que se marca é diferente da última, ou seja, ele se faz sujeito *eu* no texto, mostrando uma tristeza que é diferente do início para o fim do texto. Parece que ao final a tristeza de *eu* é maior e mais doída do que no início. Isso obriga o *tu* a desacomodar-se e acompanhar o caminho trilhado pelo locutor, que vai marcando sua subjetividade no decorrer do texto.

Na 1ª instância, explicitada no texto por “antes do jogo” (tempo), o locutor se marca a partir de uma relação de identificação particular com a expectativa geral de vitória, associando isso ao uso do imperfeito, descrevendo-se em expressões como “eu não tinha a menor dúvida de que venceríamos o jogo” (linha 7). Nesse processo, o locutor instaura um alocutário com o qual deseja dividir a euforia da vitória.

Na 2ª instância, explicitada no texto por “depois do intervalo houve o segundo tempo” (linhas 7, 8), o locutor se marca a partir de instrumentos que possibilitam uma relação de identificação com o sentimento de frustração da derrota, marcada no texto por “que destruiu as pretensões do Brasil e a minha crônica” (linhas 8, 9). Diferentemente da instância anterior, agora é o uso do perfeito, em expressões como “destruiu as pretensões” (linha 8), “uma das coisas que mudaram” (linha 9), “outra foi que não apareceu para ajudá-lo” (linha 11), que

---

<sup>4</sup> Artigo citado em Problemas de Linguística Geral II, 1989, p.90.

mostra um locutor que intima o alocutário a dividir com ele a tristeza da derrota e a leitura da crônica.

Outra forma específica que faz parte da *situação* são os índices de ostensão. Vamos trabalhar apenas com uma construção para explorar esse índice: “Nesta Seleção” (linha 21). Essa expressão demonstra a necessidade que temos, ao ler o texto, de saber de que se trata, ou ainda que referência o locutor (*eu*) do texto constrói. Nesse caso, precisamos ter as informações anteriores a esse sintagma para podermos construir sentido à expressão “nesta seleção”: informações sobre os jogadores da seleção brasileira, a letra maiúscula para seleção, apontando para a nação brasileira. A informação dada após essa expressão também mostra que é da brasileira que ele trata, já que traz em cena o jogador Robinho (atacante brasileiro). Essas palavras são, como afirma Benveniste (1989, p. 85), “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”. O índice de ostensão “Nesta Seleção” só ganha o sentido que ganha por ser construído pelo que o rodeia no texto e naquela instância discursiva. Essa expressão adquire referência não por relação ao time conhecido como seleção brasileira, o que poderia trazer alegria, o hexa..., mas a partir da contraposição do que “se esperava” (linha 21) e o que “era de se esperar” com a seleção que “perdeu provincianamente” (linha 28). “Nesta Seleção” adquire nesse uso um sentido que poderia ser explicitado por time que falha, time que não consegue atuar em conjunto, respeitando as individualidades, que não mantém “cabeça fria nas grandes decisões” (linhas 26, 27). A síntese referencial para “Nesta Seleção” é explicitada no fim do texto quando o autor afirma “O Brasil não teve onde buscar nem a calma nem a sabedoria para mudar o resultado.” (linhas 27, 28).

A terceira forma específica são os índices de tempo. O eixo que orienta a *situação* de enunciação é o presente que coincide com o momento da enunciação. Nesse texto, podemos dizer que temos dois tempos de enunciação: um deles é o início da escrita da crônica (ontem), quando os times terminaram o primeiro tempo e os fatos até o momento (aquele momento) apontavam para uma vitória brasileira. “Quando os dois times saíram para o intervalo ontem, comecei a redigir mentalmente a minha “por que ganhamos”. (linhas 3, 4) [...] Eu não tinha a menor dúvida de que venceríamos o jogo.” (linha 7) e o da escrita da crônica que se lê no jornal, no dia seguinte da derrota brasileira, nos campos da África do Sul. Chamamos a atenção para o tempo presente da crônica que é o da escrita da derrota em face ao presente de imaginar uma escrita de crônica da vitória. Somente o tempo presente pode assinalar essas duas dimensões da vida do homem. Só há ontem, porque há hoje. Só há antes do intervalo, porque há depois do intervalo. O tempo presente é que aponta para essas questões que envolvem o *aqui* (índice de ostensão) e o *agora* (índice de tempo) do *eu/tu* (categoria de pessoa) que se enuncia a cada vez singularmente. Essas são as formas específicas da enunciação que num movimento muito particular fazem da enunciação algo novo e único a cada produção discursiva. Conforme Benveniste (1989, p. 86), “... a enunciação é diretamente responsável por certas classes de signos que ela promove literalmente à existência.”

Quanto aos *instrumentos*, gostaríamos de explicitar que tomamos instrumentos aqui como todos os recursos linguísticos, disponíveis na língua e, portanto, ao locutor, para a efetivação de uma possível e única relação interlocutiva entre um *eu* e um *tu*. Além disso, são esses recursos, que viabilizam a realização de um *ato* de enunciação, concretizado por um *eu*, numa dada *situação* de tempo e espaço. Assim, nesse quadro figurativo da enunciação, registramos alguns instrumentos que colaboram para a construção do sentido do texto em análise.

## 5 Considerações finais

Sabemos que não foi possível mostrar com uma única análise, e incompleta, todos os *instrumentos* envolvidos na construção do texto de Veríssimo. Resta-nos observar a importância de se dizer que o sentido do texto se constrói a cada enunciação, em que se observam seu *ato*, sua *situação* e seus *instrumentos*, ou seja, o quadro formal de enunciação que se realiza e se faz único a cada discurso. Isso traz uma outra afirmação que mostra a construção de um sentido sempre único, que não está naquela ou noutra expressão, ele não está pronto, não está lá, esperando para ser descoberto. Ele se constrói na relação entre as expressões que compõem o texto.

Este trabalho apresenta uma reflexão inicial e, por isso, a análise apresentada é ainda um esboço que se altera a cada novo olhar. Salientamos, também, que o objetivo deste trabalho é refletir como esses elementos que compõem o quadro formal da enunciação podem fazer parte das aulas de língua portuguesa na escola, quando se quer tratar de texto e de sua construção de sentidos.

Portanto, acreditamos que um maior número de análises e um melhor e maior aprofundamento nos conceitos que se apresentam na teoria da enunciação, segundo Benveniste, possibilitarão que se chegue a resultados mais conclusivos e mais significativos. Fica, aqui, uma provisória tentativa de ver como o sentido se constrói no discurso, a partir da apropriação do aparelho formal da língua por um locutor, ou melhor, por um homem que está na língua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In : BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris, Gallimard, 1974.

FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J; TEIXEIRA, M. (orgs.) *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo, Contexto, 2009.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges, Lambert-Lucas, 2007.

PARÂMETROS curriculares nacionais de língua portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Disponível em:

<<http://mecsrv04.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em : 16 jun. 2010.